

Afinal, e quando o estereótipo resolve falar? É com voz própria ou dublada que fala?

After all, when does the stereotype decide to speak?
Does he speak with his own voice or is he dubbed?

Al fin y al cabo, ¿cuándo decide hablar el estereotipo?
¿Habla con su propia voz o con una voz doblada?

Taliboy

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

Este artigo analisa o trabalho *Aparição de Partes de uma Parte das Masculinidades Embucetadas a Olho Vivo* (2024), que utiliza práticas visuais urbanas como metodologia crítica e experimental para questionar normas de gênero e estereótipos sobre masculinidades dissidentes. A partir do transfeminismo, da teoria queer e das políticas afirmativas latino-americanas, o trabalho lança próteses penianas no espaço público, com o intuito de literalizar a voz do estereótipo que há tempos insinua o que as Masculinidades Embucetadas carregam por “entre” as pernas, abrindo espaço para outra pergunta: esse gesto é repetição ou diferença? Sem a pretensão de resposta definitiva, o texto apresenta essa provocação por meio da instalação de três *modus* de aparição que, ao partilhar o constrangimento, ativam memórias antigas e instauram “novas” presenças, inclusive nos espaços oníricos, desafiando as fronteiras do corpo, da norma, da política sexual e do olhar nos contextos urbanos no contemporâneo entre México e Brasil.

Palavras-chave: masculinidades embucetadas, intervenção urbana, estereótipos de gênero, transfeminismos, teoria queer

Trabalho submetido: 15/06/2025
Aprovado: 22/09/2025

Este documento é distribuído
nos termos da licença Creative
Commons Attribution-Non
Commercial-No Derivatives 4.0
International (CC BY-NC-ND 4.0)
[https://creativecommons.org/
licenses/by-nc-nd/4.0/](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)
© 2025 Taliboy

ABSTRACT

This article analyzes the work *Aparição de Partes de uma Parte das Masculinidades Embucetadas a Olho Vivo* (2024), which uses urban visual practices as a critical and experimental methodology to question gender norms and stereotypes surrounding dissident masculinities. Drawing from transfeminism, queer theory, and Latin American affirmative policies, the work throws penile prosthetics into public space to literalize the voice of the stereotype that has long suggested what "Embucetadas" (Pussey) Masculinities carry "between" their legs—thus opening space for another question: is this gesture repetition or difference? Without aiming for a definitive answer, the text unfolds this provocation through three "modes of appearance" that, by sharing the discomfort, activate old memories and establish "new" presences—including within dreamlike spaces—challenging the boundaries of the body, the norm, sexual politics, and the normative gaze across urban and contemporary contexts in Mexico and Brazil.

Keywords: queer masculinities, urban intervention, gender stereotypes, transfeminism, queer theory

RESUMEN

Este artículo analiza el trabajo *Aparición de Partes de una Parte de las Masculinidades Empanochadas a Ojo Vivo* (2024), que utiliza prácticas visuales urbanas como metodología crítica y experimental para cuestionar normas de género y estereotipos sobre masculinidades disidentes. A partir del transfeminismo, la teoría queer y las políticas afirmativas latinoamericanas, la obra lanza prótesis penianas al espacio público con el fin de literalizar la voz del estereotipo que desde hace tiempo insinúa lo que las Masculinidades Empanochadas cargan "entre" las piernas, abriendo así otra pregunta: ¿este gesto es repetición o diferencia? Sin pretensión de respuesta definitiva, el texto propone esta provocación mediante la instalación de tres *modus de aparición* que, al compartir el constrangimiento, activan memorias antiguas e instauran "nuevas" presencias —incluso en los espacios oníricos— desafiando las fronteras del cuerpo, la norma, la política sexual y la mirada normativa en los contextos urbanos y contemporáneos de México y Brasil.

Palabras clave: masculinidades con coño, intervención urbana, estereotipos de género, transfeminismos, teoría queer

Taliboy é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGArtes/UERJ), bolsista CAPES.

<https://orcid.org/0000-0003-2185-127X> | tali.ha.correia@gmail.com

Apontamentos iniciais

Aparição de Partes de uma Parte das Masculinidades

Embucetadas a Olho Vivo (2024) emerge como uma dessas tentativas de literalizar o que antes era apenas insinuado, assumindo o que as vozes da norma e de suas teorias sociais – principalmente do século XIX – por tanto tempo nos gritaram: que nós, das Masculinidades Embucetadas¹ desejaríamos ter uma “parte de uma parte...”² por “entre”³ as nossas pernas. A obra traz à cena fragmentos de um corpo marcado por interdições históricas e pela busca, em partes, por inteligibilidade. Carrega em si rastros de mais de 15 anos das práticas visuais urbanas, mas também é atravessada por deslocamentos e apaixonamentos recentes – como a experiência da bolsa sanduíche no Centro de Investigaciones y Estudios de Género da Universidad Nacional Autónoma de México (CIEG/UNAM), a experimentação de hormônios, a retomada das próteses penianas e o contato com o texto *Unfinished Business* (2024), da professora-pesquisadora de Literatura Comparada e Estudos do Oriente Médio Gil Hochberg que, mesmo não sendo do Sul Global, nem se inscrevendo nas Masculinidades Embucetadas, acabou reverberando fortemente em mim.

Sem imaginar onde tudo isso daria – afinal, até pouco tempo atrás, meu ativismo feminista e lésbico tinha deixado, ou melhor, esquecido um pênis de plástico no armário de uma ex-namorada, há muito mais de 15 anos. Eu jamais pensei que voltaria a “buscar” (não apenas um, mas vários). Foi então que, envolto nesses processos de experimentação, leituras intensas, descanso, descobertas, reinvenções e apaixonamentos, reencontrei no texto de Gil Hochberg (2024) o empurrão final para ir mais a fundo no processo de literatizar partes dessas vivências. Outra curiosidade, que talvez seja um dos impasses centrais desta pesquisa é que, até aqui, o mais difícil tem sido encontrar, no Brasil, mulheres ou lésbicas que afirmem explicitamente sua masculinidade ou, ao menos, partes delas, salvo raríssimas exceções como o poeta e ativista paulistano chamado Formigão. A maioria das pessoas com quem cruzei ou li afirma o não-performar da feminilidade, muitas vezes recorrendo

1 Masculinidades Embucetadas nomeia corpos com vulva que performam masculinidades, como lésbicas, *marimachos*, homens trans e pessoas transmasculinas. Mais que rótulo, é fricção ‘entre’ afirmação e a subversão das identidades. Ao evocar o “embucetada”, a palavra promete força, raiva e indocilidade, mas também convoca aquilo que escapa no ato de enunciar, abrindo espaço para que o contraditório se instale – tema aprofundado ao longo deste texto. É nesse ‘entre’ que a formulação se sustenta.

2 A expressão “parte de uma parte...” é acionada como tática para recusar qualquer ideia de totalidade identitária. Ao invés de representar um suposto todo, afirma-se o fragmento, o que é incompleto e localizado. Isso também implica reconhecer que nem todos nas Masculinidades Embucetadas usam ou desejam esse tipo de prótese, o que reforça a recusa a um corpo único ou a uma performance obrigatória. Trata-se, assim, de uma política do desvio e da multiplicidade. E também será assim entre aspas com reticências e em itálico que irei nomear essas próteses penianas ao longo do texto.

3 ‘entre’ seguido das aspas é uma maneira de escritura que passei a desenvolver no doutorado, visa reforçar visualmente o espaço que se encontra no meio das aspas, assim como será usado apenas quando o intuito for destacar a representação visual do termo, ou situá-lo no meio dos binários.

ao termo “desfem”, mas não reivindica a masculinidade para si, que aparece quase sempre como uma imposição binária social e não como afirmação subjetiva ou política. É justamente nesse vácuo que o texto de uma autora que não se inscreve diretamente nesse campo acabou me atravessando de modo inesperado.

Hochberg (2024), de outra geração, se identifica como uma mulher queer, é lida socialmente como “feminina” e oferece uma reflexão afiada sobre os limites das categorias identitárias que, segundo ela, nunca lhe serviram plenamente. Traz em sua escrita algo que perpassa uma parte das Masculinidades Embucetadas, mas não só. Em seu texto, a autora afirma sentir falta não da masculinidade em si, mas do pênis – não o simbólico, mas o de “carne e osso” – e compartilha as maneiras, teóricas e práticas, como enfrentou essa ausência ao longo da vida, além do silêncio social que a circunda. E foi assim, impactado por essa experiência de alguém de uma geração anterior à minha⁴, que acelerei meus próprios processos e comprei meu segundo *packer* pela internet, algo que vinha planejando desde os idos da pandemia. Foi com ele “entre” as pernas que logo depois desembarquei para a experiência da bolsa sanduíche no CIEG-UNAM, México.

Tudo que compartilho nas próximas linhas com esse trabalho não foi uma tentativa de conciliação com esse “novo”⁵ corpo – o que, a princípio, uma partezinha minha acreditava ser – foi, antes, a forma mais incisiva que encontrei de tensionar as normas que me atravessam e insistem em me conter. Cada “nova” situação que se apresentava, carregada de memórias, sonhos interrompidos e cheios de constrangimentos, inquietações longas demais que não pediam mais silêncio, e sim enfrentamento, ou melhor, compartilhamento social. Sabia que jamais conseguiria estar com essas “partes de uma parte...” “entre” as pernas – de forma “confortável”, porque esse conforto nunca me foi concedido. E também não é mais esse conforto que busco. O que procuro agora é fricção, deslocamento, exposição social e desobediência. Ao tensionar questões de gênero através do transfeminismo, da teoria queer e das políticas afirmativas na América Latina, de modo

4 A geração de Gil Hochberg e Jack Halberstam (1998), anterior à minha, que lidou com essas questões das dissidências e dos limites do que pode desejar e estar em um corpo embucetado, enfrentou silenciamentos e ausências de referência e gramáticas que, em parte, motivaram suas experimentações. A minha geração, por sua vez, segue movendo parte dessas fronteiras discursivas, e encontrando ainda questões muito similares e também distintas, abrindo caminho para a geração atual das dissidências sexo-gênericas que já encontram discussões sobre transmasculinidades e dissidências como pauta presente em sua adolescência e infância, mesmo que isso também traga ‘novos’ tipos de impasses e enfrentamentos. Esse trânsito intergeracional muito interessa essa pesquisa e pretendo aprofundar-me mais nela na tese que estou em vias de finalizar.

5 ‘novo’ também seguido de aspas para ressaltar que tais presenças ou práticas não são propriamente ‘novas’, mas sim diferentes da norma - e, por isso, frequentemente tratadas como novidade quando vêm à tona. Essa ideia permeará todo o texto.

que pratico através do campo e das especificidades da linguagem das Artes Visuais e intervenções urbanas, este trabalho iniciado em 2024, ao lançar no espaço público próteses penianas pertencentes a “parte de uma parte das Masculinidades Embucetadas”, provoca questionamentos ambíguos sobre os limites do que pode ser visto, dito e desejado no corpo das cidades e nas demais dissidências sexo-gênericas. Seria mais do mesmo? Ou um desejo genuinamente “novo”?

Não deixa de ser curioso observar a modificação dos termos das próteses penianas ao longo de sua historicidade recente, algo sobre o qual também me debruço ao analisar antigas e “novas” formas de nomeações sexo-gênericas no campo das dissidências, especialmente das Masculinidades Embucetadas. A prótese peniana, por exemplo, aparece sob diferentes nomes e usos: o “dildo”, geralmente associado ao prazer sexual; a “cinta-caralha”, expressão popular no Brasil, comumente usada por lésbicas, bissexuais e pessoas transmasculinas — mas não só — em práticas sexuais e, mais recentemente, o *packer*, termo amplamente adotado por comunidades transmasculinas para designar próteses utilizadas no cotidiano, com função de dar volume, “presença” e “proteção” no vestuário de pessoas transmasculinas com passabilidade cisgênera. É essa camada do simbólico que atravessa distintas situações e sujeitos que me interessa quando deixo esses objetos — sejam dildos, cintas, pintos de plástico (borracha) ou *packers* — caírem pelas ruas da cidade; mais do que artefatos eróticos ou utilitários, são rastros encarnados de outras presenças possíveis, invisíveis e fragmentárias.

Foi a partir das reflexões deste estudo que cheguei ao título/ pergunta deste ensaio-artigo. Importante frisar que a fala do estereótipo nem sempre se pronuncia em voz alta, ela olha, avalia, molda, julga antes mesmo do gesto acontecer. Em se tratando do olhar da norma, há sempre o risco de tudo ser lido, visto ou ouvido como uma cópia mal feita, uma versão dublada do que sempre foi dito sobre corpos como o meu. Judith Butler (2015) escreveu bastante sobre como a linguagem performativa acaba produzindo

a realidade ao tentar nomeá-la. E talvez o estereótipo funcione justamente assim: ele fala mesmo quando silencia, fala por meio dos olhares, das expectativas, dos filtros que impõe ao que pode ou não ser visto, escutado, desejado.

Aqui, a pergunta é sincera e também arriscada: nos criaram ou nos fizemos por desejo próprio, mesmo que atravessado, roteirizado, encenado antes mesmo do gesto que nos descreveram?

Reconheço que essa pergunta pode soar como um retorno ao inatismo biologicista, o que não pretendo. Talvez ela sirva menos para reivindicar uma origem e mais para tensionar o próprio campo da cultura e sua pretensão também de totalidade.

É nessa busca por “novas” miradas sobre antigos dilemas que este trabalho e texto se inscrevem. E se ele, o estereótipo, estivesse ali, me olhando de volta? Esse olhar/fala que precede, que espera o mesmo, que molda o sentido antes do gesto. É a ele também que me dirijo quando espalho “*partes de uma parte...*” pela cidade. Quero saber se, ali, no deslocamento do objeto e na fratura da expectativa, o estereótipo tropeça na própria sentença. Será que é repetição? Ou já é diferença?

Por fim, vale ainda destacar que os nomes que abrem os tópicos das três partes distintas deste texto que descrevem as rupturas nos *modus* de aparição das “*partes de uma parte...*” derivam de um trabalho anterior, intitulado *Ceci n'est pas des organes génitaux! Isso não é uma genitália, ou É preciso não ter culhões para fazer parte das Masculinidades Embucetadas, ou Pencas de proteção ou Balangandãs das Masculinidades Embucetadas* (2023)⁶.

Parte 1 - *Ceci n'est pas des organes génitaux! Isso não é uma genitália!*

Nos primeiros dias no México, com as “*partes de uma parte...*” por “entre” as pernas, tudo parecia deslocado. O corpo carregava uma espécie de tensão muda, angústias acumuladas, constrangimentos miúdos e contradições que buscava resolver no acolhimento

⁶ Para saber mais sobre o trabalho “*Ceci n'est pas des organes génitaux! Isso não é uma genitália, ou É preciso não ter culhões para fazer parte das Masculinidades Embucetadas, e Pencas de proteção ou Balangandã das Masculinidades Embucetadas*” <https://www.instagram.com/p/C7AkHls-p-Wc/?hl=pt-br>.

de registros fotográficos dessas “*partes de uma parte...*” soltas pelo espaço, íntimas, fragmentadas e compondo um diário visual afetivo que revelavam também as outras “*partes de uma parte...*” imersas nos objetos cotidianos. Não tinha a intenção alguma de compartilhar essas imagens e só de pensar nisso me dava frio nas espinhas – e talvez tenha sido justamente esse calafrio que me mostrou que o caminho deveria ser por aí. Expor o olhar da norma para ver se assim o expurgava de mim também (Fig. 1).



que dupla que pertuba nossa paxx
não?!



Fig. 1 - Registros espontâneos das primeiras *Aparições das Partes de uma Parte das Masculinidades Embucetadas a Olho Vivo* imersas no cotidiano, 2024. Fotografia: Taliboy. Fonte: Acervo pessoal.

Foi assim que lá pelo décimo dia, ainda assombrado com os receios sociais de deixar o *packer* escapulir pela rua, assim como as constantes revistas nas mochilas pelas forças de segurança da cidade, o que me deixava cada dia mais indignado, encontrei um antídoto para essa angústia. Passei a visitar/conhecer as sex shops do centro da Cidade do México para comprar mais *packers*

e, logo em seguida, começar a espalhá-los discretamente pela cidade. A ação seria acompanhada por uma câmera escondida, para registrar esse encontro, individual e coletivo, “entre” as pessoas que transitam pela cidade e as “partes de uma parte...” (Fig. 2).

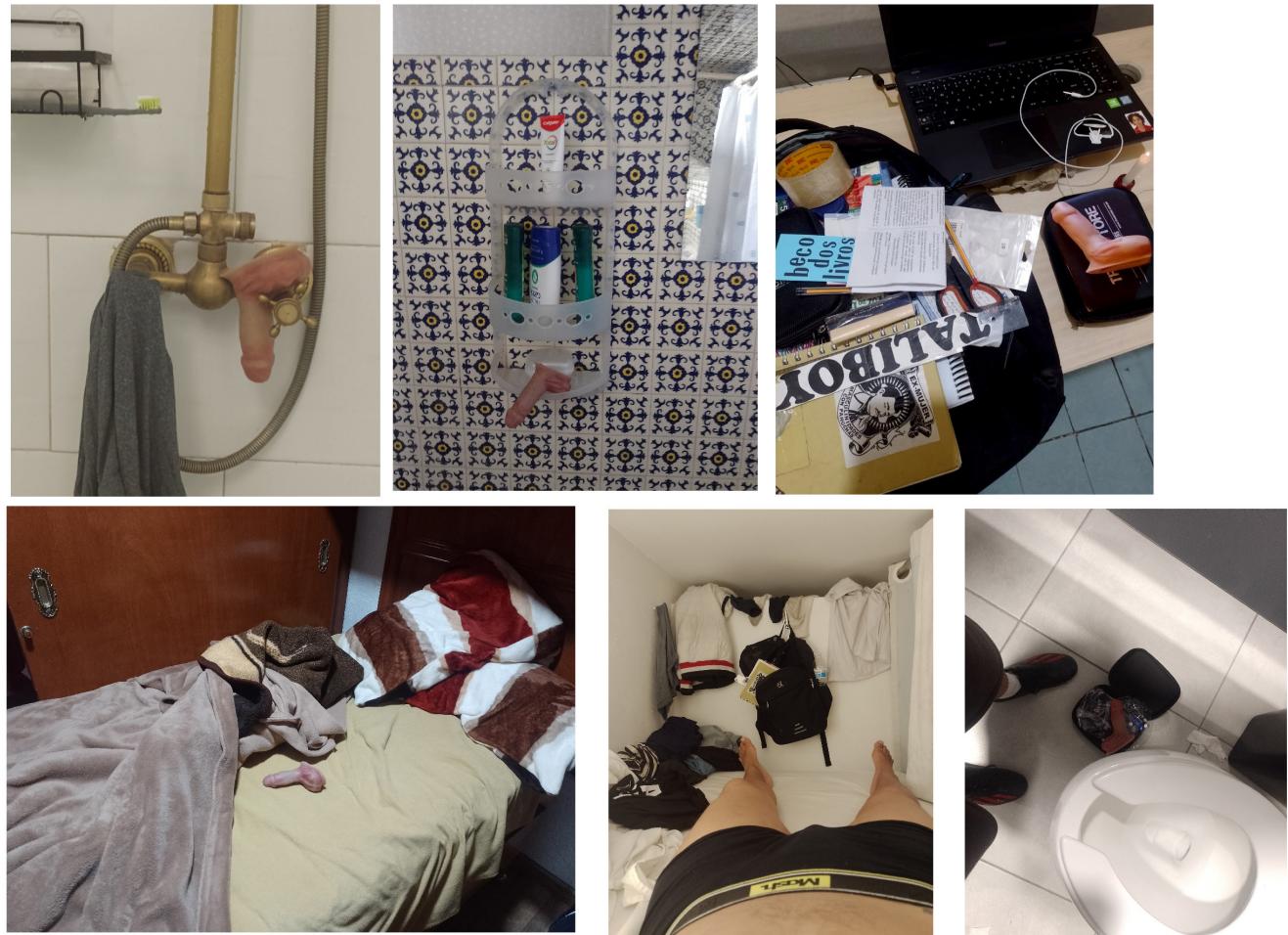


Fig. 2 - Visitas a sex shops no centro da Cidade do México junto com anotações no bloco de nota, 2024. Fotografia de Taliboy. Fonte: Acer-vo pessoal.

Creio que é importante fazer as ressalvas em torno dos receios que este trabalho me despertava, até porque esse olho da norma não habitava apenas em mim, mas com mais força ainda no meu entorno. O medo do “atentado ao pudor”, o risco do que esse signo de borracha, assim, para fora, poderia provocar em outro

país, sob outra gramática de moralidade pública que, de alguma forma, eu desconhecia e, ao mesmo tempo, conhecia bem... Brasil e México dividem números alarmantes de feminicídios, LGBTcídio e a simples ideia de lançar um pênis de borracha no chão, em um espaço público, me fazia questionar se esse gesto poderia ser lido como subversivo ou ofensivo, perigoso, até criminoso — ou se esse peso da moralidade não era também um resquício de um feminismo radical que ainda me atravessa.

Por outro lado, é justamente por essas questões que o trabalho emergiu. Porque seguir tratando esse pedaço de borracha como mera representação da genitália de um corpo masculino cisgênero — além de silenciar a existência de mulheres trans e travestis — é defender esse signo como exclusivo e natural da masculinidade, mantendo intacta a lógica simbólica que associa o falo ao poder, o que violenta todos os outros corpos. Interditar essa imagem normativa é justamente o que o trabalho pretende fissurar. Se há violência colada a esse signo, é porque ele foi apropriado como instrumento de dominação; talvez jogá-lo no chão, reivindicá-lo como “*partes de uma parte...*”, remarcá-lo, deslocá-lo da centralidade fálica, seja uma forma de rasurar esse *script* da norma. Assim, dias depois me dirigi ao Grito da Independência, na Praça do Zócalo — coração político e histórico da Cidade do México. Em meio à multidão, em uma super encruzilhada de Exxu, com o coração batendo forte, soltei o primeiro pinto de plástico no chão. Senti de imediato o t(r)emor identitário — um misto de medo, vergonha, mas também de coragem e alívio. Peguei o celular para registrar, mas exatamente no momento do encontro com a “cena primordial” virei rapidamente a câmera, como se olhar diretamente para o pinto de plástico em público parecesse insuportável demais.

Didi-Huberman (1998) propõe que, muitas vezes, o que vemos também nos olha. Sustentar esse olhar nem sempre é fácil, assim como devolvê-lo ao outro — não como gesto de revanche ou confrontamento puro, mas como abertura ética. Essa reflexão inspira meu relato sobre a experiência urbana e o encontro com objetos que desafiam normas sociais. Quem está sendo visto, medido

e tensionado neste ato não são apenas os corpos dissidentes, mas também quem os encara. O que me interessa nesta inversão da mirada não é apenas tensionar o conforto ou desestabilizar o previsível, mas socializar o incômodo. O que você vê ao mirar um “pinto” de plástico jogado na rua? Isso te incomoda? O que você faz com isso? Ao compartilhar esse desconforto, busco compreender melhor meu próprio olhar. Trata-se de fazer ver — ou melhor, fazer-se visto — por aquilo que deveria permanecer oculto e, nesse gesto, propor não só uma ruptura, mas também, quem sabe, um encontro.

Desse modo, em meio ao caos da encruzilhada, o primeiro *packer* desapareceu tão rápido quanto apareceu. O olho da norma, assim como o meu, pareceu recuar, não sustentar aquela visão: era preciso retirá-lo rapidamente das vistas. Dias depois, em um passeio à Livraria da Cineteca Nacional da Cidade do México, me deparei com a *História do olho* (2018), de Georges Bataille. Na hora, soube que aquela história e olho — anárquico, escrachado, erótico — poderia dialogar diretamente com esse olhar normativo que o trabalho parecia assombrar. Comecei a ouvir o *audiobook* pelas ruas da cidade. O olho de Bataille carregado de excreção, profanação e sem filtros morais, não se esquia — ele encara, transborda, delira. Diferente do olhar fugidio da multidão, esse olho permanece com a gente, ao mesmo tempo que abre caminhos. Foi nessa abertura e permanência incômoda que reencontrei a coragem para seguir o olho que sustenta o olhar, talvez seja essa mirada desafiadora que também pode nos libertar da vergonha de sermos vistos através do olho da norma.

Mas foi na posse histórica da primeira presidente mulher do México que a cena ganhou outro rumo. Ali na mesma praça do Zócalo, o pinto de borracha virou até bola de futebol: foi pisoteado, chutado por crianças, adolescentes ensaiaram até fazer embaixadinhas. Pessoas tropeçavam, gargalhavam, paravam o seu trajeto e o apontavam. Ficou por um bom tempo na sarjeta, mas à vista. Aquele escracho coletivo, à luz do dia, também me atravessava, contrastava com o meu estado de tensão redobrada, afinal, era a posse da primeira presidente do México.

E o que se dava ali era exatamente a expulsão do olhar da norma, ao invés da seriedade e interdição, havia o deboche, a banalização, profanação do objeto não mais como ordem, mas como fragmento de uma cena cotidiana pertencente ao comum (Agamben, 2007).

Dias depois, longe da multidão e da solenidade política, em uma praça qualquer, em um dia qualquer como de praxe em que levava uma das “*partes de uma parte...*” na mochila e a câmera escondida no bolso, sentei em um banco, discretamente, e deixei o pinto de borracha por lá. Em poucos minutos, um grupo de adolescentes se aproximou, rindo e cochichando. Em menos de dez minutos, o objeto desapareceu. Ninguém mais viu. Só a minicâmera que eu havia posicionado “entre” os arbustos. As imagens captadas foram incríveis. O dilema “entre” a atração e o desconforto era visível. Um embate quase cômico “entre” a masculinidade cisgênera e o que não parecia ser apenas suas partes. Afinal, havia marcado explicitamente no corpo desses pintos de borracha pequenos lembretes que diziam a quem pertenciam – *partes de una parte de las Masculinidades con Panochas*.

O que se ouve na gravação é uma sequência repetitiva, ansiosa: “*Pega-lo, pega-lo, pega-lo!*”. Mas, antes, um deles tratou logo de fazer uma foto e parecia se divertir compenetrado com o que estava a compartilhar nas suas redes sociais ou grupos de *WhatsApp*. Depois, improvisaram um papel para evitar o contato direto com o objeto, colocaram dentro do bolso lateral da mochila de outro deles e desapareceram excitados, eufóricos com o que haviam acabado de testemunhar e viver.

Fiquei por alguns segundos imaginando o que fariam com essa prótese peniana, até deixar para lá esses pensamentos/imagens e desejando que a usassem para descobrirem “novos” prazeres consigo mesmos. Ainda assim, alguns pensamentos persistiram comigo, ali, “entre” o ver para crer e o não posso acreditar no que vejo; a masculinidade cisgênera incrédula mirava seus próprios limites, em forma de matéria plástica, desencarnada, deslocada e, agora, parte de um jogo que escapa totalmente ao seu controle, ou melhor, do seu corpo.

Já na virada do ano de 2024-2025, exatamente à meia-noite, nos arredores do “novo” centro político e econômico da Cidade do México — o Ángel de la Independencia, na Avenida Reforma — que, naquela noite, foi transformado em uma grande pista de dança ao ar livre, com luzes psicodélicas, música alta e multidão em transe foi o território escolhido para mais uma aparição dos pintos de borracha, suspenso “entre” a festa e a contagem regressiva.

Ali, o que me surpreendeu foi novamente ver um grupo de homens adultos cis em volta dele rindo, às gargalhadas, e fazendo chacota em voz alta em tom de deboche: *¿Quién los dejó caer?* Não era apenas sobre quem havia deixado aquele pinto de plástico cair; era sobre o que transbordava em excesso que o fazia estar ali, naquele lugar, naquela hora. A surpresa de sua presença deslocava não só o objeto, mas o próprio chão onde a masculinidade pisa. (Fig. 3)



Fig. 3 – Imagens variadas das Aparições de Partes de uma Parte das Masculinidades Embucetadas a Olho Vivo Parte 1 - pelas ruas da Cidade do México, 2024, intervenção urbana. Fotografia: Taliboy. Fonte: Acervo pessoal

Parte 2 - É preciso não ter culhões para fazer parte das Masculinidades Embucetadas

Já no início de 2025, os *modus* de aparição das “*partes de uma parte...*” foram se transformando conforme as situações também iam se modificando. O gesto central deixou de ser anônimo: passou a ser abrir a mochila em público e compartilhar com afetos e desafetos o que carrego dentro dela — não um, mas vários pintos de borracha. Afinal, ainda hoje ecoam muitas especulações sobre o que uma parte das Masculinidades Embucetadas carregam em suas pochetes presas à cintura. E é sobre essa insistência no que carregamos dentro de nossas mochilas e/ou pochetes que compartilho também algumas outras partes dessas partes que fazem suas aparições em camadas mais subjetivas do mundo invisível — mas nem por isso menos coletivas e/ou políticas, que são registradas, guardadas muitas vezes dentro dessas mochilas e/ou pochetes.

Assim, mais do que um lugar onde guardo “*partes de uma parte...*”, a mochila, ela mesma é uma dessas partes. Uma extensão de nosso mundo subjetivo e político, uma prótese do cotidiano que me acompanha por horas seguidas, colada ao meu corpo, ao meu gesto e ao percurso que faço diariamente pelas ruas das cidades. Dentro dela, acumulam-se textos, anotações, livros insurgentes, comida, água, roupas, chaves, documentos e objetos que me ajudam a reter sensações e memórias. Nada ali é fixo, tudo é fluxo, passagem e movimento.

Na infância, tentei caber dentro das mochilas como quem procurava esconderijos ou lugares seguros para guardar meu mundo íntimo e privado, que não encontrava espaço seguro do lado de fora. Levei anos para entender que não há esconderijos possíveis, que não há dentro sem fora e fora sem dentro. E que para me sentir bem no meu espaço interno, era preciso socializar e organizar o íntimo aqui fora, assim como filtrar o que de fora me adentrava sem pedir licença. Buscando equilibrar esse jogo de forças que resolvo seguir abrindo essa mochila em público e

compartilhar, além dos relatos e imagens das aparições físicas e materiais das “partes de uma parte...”, também camadas mais voláteis feitas de sonhos, memória, desejo e imaginação — mas nem por isso menos reais ou menos coletivas —, como as que se manifestaram desde o momento em que passei a compartilhar “partes de uma parte...” no espaço público.

Logo após a aparição no parque e a reação dos adolescentes empolgados com o objeto, com o *packer* em dois momentos distintos na mesma noite, eu sonhei. Em ambos sonhos, estava com Roberta Nascimento, com quem compartilhei uma relação afetiva e sexual de mais de doze anos. Na primeira cena, estávamos nos “amassando” quando ele — o pinto de borracha — encostava na barriga dela, o que se abria em contradição em mim, pois não usávamos essas “partes de uma parte...” em nossa vida sexual e, consequentemente, não sabia se no sonho estava gostando, ou se estava incomodado com tal situação. Na segunda, eu o tocava e havia um desejo explícito de enfiar o dedo naquele furinho por onde sairia o xixi que, olhando do outro lado, serve para acoplar a haste de penetração. No mesmo sonho, me masturbava e, de repente, a glande do *packer* abria e se partia. Entrava em pânico: pensava que ele era novo, não tinha sido barato e a frustração se misturava ao prazer. Um dilema afetivo e material, afinal foi também por conta da limitação financeira que só consegui comprar um às vésperas de ir ao México, quando o dinheiro extra da bolsa caiu.

Em outra noite, sonhei que paquerava e era paquerado por uma *chica* desconhecida. Ela percebia a presença dele na minha cueca, ria alto e gostava da ideia. A cena era pública, todos ao redor pareciam escandalizados, mas eu não. Eu ria junto, orgulhoso. O escândalo já não era meu, nem nosso. A gente se desejava e buscava um lugar mais reservado. O sonho avançava para uma espécie de fuga, perseguições, lutas, um elevador usado pela elite e pelos opressores que, naquele momento, virava rota de escape. Depois seguíamos subindo degraus sem fim até que uma sala era invadida. Tensão. Cerco. Um sonho distópico sobre tensão e tesão. Ou sobre o desejo que insiste em escapar pelos mesmos lugares que buscam o conter.

Teve também a noite em que sonhei com *gzh*. Ela me masturbava com o “hecho en México”, um desses pintos de borracha que tenho carregado nas intervenções urbanas. O prazer era evidente, mútuo e muito real. Não havia espaço para o constrangimento, este apareceu apenas ao despertar e constatar que era sonho. Em seguida, aparecia com minha irmã, ouvindo suas aventuras cisheterosexuais por telefone, eu era só constrangimento e contradição, uma velha e conhecida sensação me invade ao ouvir as aventuras sexuais da norma e ela nem percebia. Depois, caminhava sozinho, debaixo de chuva, com um guarda-chuva quebrado pelas ruas do bairro do Dois de Julho, em Salvador, Bahia, minha última morada em Salvador. A cidade e os lugares urbanos sempre presentes, sempre cenário e também parte de mais um personagem nessas histórias que nos povoam. Se engana quem acha que é a gente que habita as cidades, mas, na verdade, é ela também nos habita.

E como se não bastasse os sonhos — o corpo também vibrou, falou e “entre” vigílias e devaneios — que acordei, dias depois, no final de outubro de 2024, com incontinência urinária. Reconheci na hora a dor, era a mesma de quase 20 anos atrás, quando tive pela primeira e, até então, única vez, uma infecção urinária. Corri para o plano de saúde que havia contratado no México e consegui atendimento. Acabei passando o Dia dos Mortos à base de antibióticos, urinando da cor da flor de *cempasúchil* que, segundo os mitos mexicanos, é pela luminosidade alaranjada dessa flor que os mortos encontram o caminho de volta à vida.

Meses depois, já de volta ao Brasil, descobri que o que me atravessava ali seguiria comigo por mais um tempo, eu carregava pedras nos rins. Mais uma “*partes de uma parte...*” que as Masculinidades Embucetadas também podem carregar. Afinal, problemas renais é algo que facilmente a gente pode desenvolver por conta do uso de hormônios que não são desenvolvidos para os nossos corpos, tudo ainda baseado em protocolos que atendem exclusivamente à realidade de homens cisgêneros.

No final de dezembro de 2024, vivi desperto a experiência de ser paquerado por uma *chica guapa*. Estava com as “*partes de uma parte...*” por “entre” as pernas e aquilo me causou um constrangimento profundo, mais vergonha do que desejo. Naquele momento, tudo o que eu queria era não estar com o *packer*. Mas também já intuía que esse dilema seria recorrente: quando eu não estiver, vou desejar estar e quando eu estiver, talvez deseje desaparecer. Enfim, só com muita paciência — e uma boa dose de respiração coletiva — para sustentar esse paradoxo. Afora uma pequena discussão com uma amiga cissexual que parecia zombar das próteses penianas, isto é, ela falava que nada se comparava a pele ou o contato com um pênis de “verdade”. Ou, ainda, em uma das despedidas em que me levaram para uma boate LGBTQIAPN+ — a mesma em que estive em 2019, quando vivi uma das noites mais *crazys* de pegação sem pegação desta curta vida. Ali, em meio a corpos que se encontravam, um rapaz cis parecia se animar ao sentir o contato das “*partes de uma parte...*”. Nesse instante, busquei relaxar, até me divertir com o momento, que não passou de leves e felizes insinuações e recordações.

Talvez por isso tudo tenha decidido retomar aquela antiga vontade de compartilhar uma mochila cheia de pintos de plásticos não apenas para as forças de segurança que nos assediam o tempo todo na Cidade do México — por ser vizinho dos Estados Unidos, e viver sob constante controle de fronteiras e corpos —, mas com as pessoas queridas e, quem sabe, diminuir as tensões que me recaiam de maneira individual.

Em janeiro de 2025, voltei a visitar *sex shops*, comprei mais pintos de plástico e, dessa vez, passei a compartilhar o ato de colocar camisinhas nos *packers* com as atendentes das lojas. Também comecei a frequentar eventos sociais, como quem prepara o terreno para seguir enfrentando, em público, as zonas ambíguas do desejo e da exposição. Assim terminei meus dias no México, compartilhando umas “*partes de uma parte...*” do que havia dentro da minha mochila.

Sinto que a cada nova partilha fui conseguindo lidar de forma mais suave com essas *“partes de uma parte...”*. E, embora como disse no início, eu não buscasse exatamente uma redenção, talvez um pouco dela não me fizesse mal algum — ainda mais a um corpo que, por tanto tempo, não teve paz com suas próprias partes e, em muitos momentos, precisou se reinventar em pedaços para, enfim, poder se mostrar inteiro (Fig. 4).

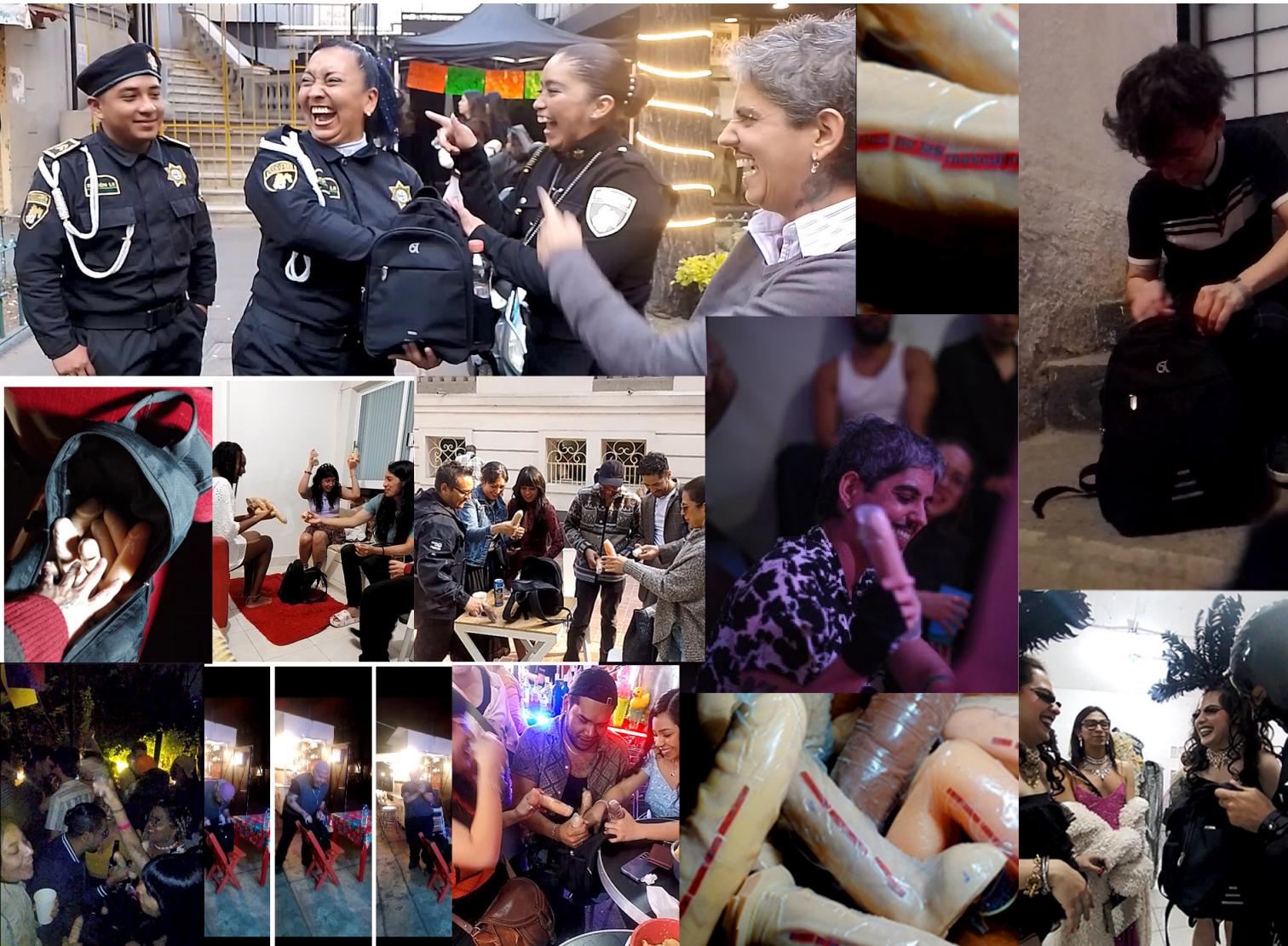


Fig. 4 - Imagens variadas das Aparições de Partes de uma Parte das Masculinidades Embucetadas a Olho Vivo” - Parte 2 - pelas ruas da Cidade do México, 2024, intervenção urbana. Fotografia: Taliboy e Mario Maldonado. Fonte: Acervo pessoal

Em uma dessas partilhas, uma das contradições centrais deste texto — e das reflexões sobre a fala do estereótipo — voltou a se manifestar. Uma sapatão, socialmente lida como “masculina”, ao ver a mochila, comentou: “Essas coisas sempre voltam pra mim”. Contou, do dia em que recebeu, sem aviso, dildos enormes enviados por um artista para sua galeria. “É como receber algo que você não pediu”, completou. Aqui deixo uma provocação: qual seria a voz própria do estereótipo? Seria recusar o esperado, não se dobrar ao que se atribui como previsível? E quem aceita o esperado, estaria necessariamente apenas reproduzindo, dublando, a norma? Ou será que esse modo de pensar é também uma armadilha discursiva, mais uma faceta da repetição que o próprio estereótipo engendra?

Essa tensão “entre” recusa e repetição, “entre” a voz própria e a dublagem, reflete o paradoxo que Judith Butler (1997) aponta: linguagens injuriosas e insultos normativos que, à primeira vista, parecem apenas reafirmar as normas, também podem ser ressignificados, reapropriados e rearticulados pela própria comunidade caluniada, abrindo espaço para múltiplos níveis de agência e subversão, já que nem toda repetição é rendição; às vezes, é dentro da própria dublagem que se esconde a *raxxadura*. E pode ser que seja exatamente na recusa e no uso do insulto aos nossos modos de vida que esteja operando a regulação e/ou subversão da norma.

E é assim que cada dia mais me certifico que o estereótipo opera como um mecanismo de defesa da norma, um modo de protegê-la por meio da ridicularização daquilo que ela, sob hipótese alguma, está disposta a tolerar. Por isso utiliza os recursos linguísticos do exagero, ridiculariza, antecipa o julgamento e transforma a diferença em caricatura, convertendo o dissidente em riso e sua existência em constrangimento. Cria-se, então, um anteparo simbólico que impede que mesmo aqueles que se reconhecem neste lugar de desejo possam nele se afirmar sem medo ou vergonha. Talvez aí esteja uma das razões pelas quais ainda é tão difícil encontrar mulheres e lésbicas assumindo orgulhosamente

sua masculinidade (Halberstam, 1998) — ou mulheres cisgêneras “femininas” afirmando a falta do pênis como quem reivindica um lugar fora do eixo fálico, sem precisar conciliá-lo com culpa, ressentimento ou desejo de completude (Hochberg, 2024).

Nesse sentido, o estereótipo é uma armadilha que regula o possível antes mesmo que ele aconteça. Mas, é justamente por isso, por sua antecipação e previsibilidade, que também pode se tornar um campo fértil para a torção. E há quem o recuse. Há quem o brinque. Há quem o assuma. Há quem joga com ele. Nem sempre é possível saber se trata-se de dublagem, subversão ou criação. É nessa linha tênue, no “entre” buscando espaço e respiro no meio do interdito, que esta pesquisa e vida se movimentam. Onde a repetição pode não ser apenas cópia. E a voz própria, esta sim, pode ser uma repetição.

Parte 3 - Pencas de proteção ou balangandãs das Masculinidades Embucetadas: “Ops, caiu!”

Seis meses depois, já de volta ao Rio de Janeiro após a intensa experiência em solo mexicano, achei que o trabalho se encerraria por lá. Imaginava, inclusive, que o fim aconteceria no caminho de volta, com as “partes de uma parte...” retidas pelas forças de segurança do aeroporto. O que julgava ser um final coerente e já me preparava para captar esta imagem — afinal, foi o olhar de vigilância constante que disparou este trabalho. E, preciso admitir, que uma parte consciente de mim já queria se ver livre deste trabalho, e das tantas “partes de uma parte...” que vinha carregando na mochila nesses últimos meses. Mas ledo engano, ainda havia muito por vir.

Atravessei o raio-x com a mochila cheia de pintos de borracha e, para minha surpresa, tirando alguns sorrisos envergonhados dos agentes de segurança, nada aconteceu. Apenas pediram para abrir a mochila, mas pasmem, o objeto que pediram para verificar era uma bola meio murcha de futebol americano que também trazia dentro dela. Por um segundo, pensei: será que descobri uma nova forma de traficar substâncias ilícitas? Já que nessa pesquisa de

doutorado, tenho dito “que tenho mexido com drogas pesadas” (masculinidades, futebol e América Latina). Brincadeiras à parte, o que ficou mesmo gravado dessa situação é a constatação de como o trânsito pelas fronteiras rumo à América do Sul costuma ser mais brando ou mais flexível do que na direção contrária, rumo ao norte. E foi no retorno à lida cotidiana — onde tudo parecia igual, mas já era diferente — que, nas idas ao Restaurante Universitário da UERJ, percebi que o antigo receio de deixar cair um pinto de plástico do meu corpo já não me causava pânico. Pelo contrário, agora ele voltava como um “novo”, empoderado e inesperado *modus* de aparição. Simples assim, deixá-lo cair à minha frente, exclamar um “ops, caiu!” e recolocá-lo calmamente “entre” as calças. Fiquei meses com essa ideia na cabeça, tentando entender como e quando realizá-la. Pensei em usar um short para facilitar a queda “entre” as pernas, e lógico, com a câmera previamente posicionada para captar as reações ao redor.

Eis que três meses depois, ao visitar uma exposição de arte feminista da artista guatemalteca Regina Galindo, que por coincidência se chamava “Primavera Democrática”⁷, em um bairro nobre da cidade do Rio de Janeiro, levo as “*partes de uma parte...*” comigo, com a intenção de soltar uma delas ali, mas ainda sem entender exatamente como nem onde. Chego, observo e entendo que o melhor lugar para essa aparição é a porta de entrada da galeria — lugar de Exxu. E aí me posiciono. Estou de calça social. Coloco o pinto de plástico na cintura e começo a me movimentar para que ele escorregue por “entre” minhas pernas, até ficar preso “entre” a barra da calça e o sapato. Paro. Fico de costas para as pessoas. Até que ele se desprende por completo do meu corpo, mas ainda fica ao meu lado no chão. A partir daí, sigo ficcionando a cena por mais algum tempo, ajo como se ainda não tivesse percebido. Até que a presença no chão se torna inegável. Olho para ele, depois para as pessoas ao redor. Faço uma cara de surpresa. Digo algo como: “Ops, caiu!” ou “Não acredito no que estou vendo: TALIBOY caiu!”. Sorrio com uma cara de sem graça, me abajo, pego o pinto de plástico, não me desculpo e o coloco de novo “entre” as calças.

7 Coincidemente, tenho outro trabalho das práticas visuais urbanas intitulado Primavera das Masculinidades Embucetadas: Inventando o Sexo (2021), que foi compartilhado na Mostra Digital Vasto Edônico, curadoria de Phoebe Coiote (2023). Nele, me filmo de maneira chula e coloquial “batendo uma punheta em meu grelô-duro”, sobre um cobertor florido, em que, no enquadramento do vídeo, só aparecem as “*partes de uma parte...*”. Esse trabalho não surgiu com a intenção de ser artístico, mas como um desejo erótico nunca compartilhado com um afeto lésbico durante a pandemia. Compreendi que, antes, essas questões precisavam ser trabalhadas no social para se tornarem quem sabe im-possíveis, devido às interdições das práticas sexuais em desconformidade com a norma. <<https://drive.google.com/file/d/1Ls1aHTxqoHd0A1-K1zK-tPOIpMxakqkn2/view>>

O mais difícil e divertido deste terceiro *modus* de aparição é sustentar o olhar e a partilha no olhar do outro, algo que aprendi como mágico no processo de iniciação à palhaçaria nos idos de 2008, pois só assim tenho certeza que a visão aconteceu. Também posso mirar em primeira pessoa a reação das pessoas que são extremamente intensas e diversas, desde o choque, principalmente dos *boys* císgêneros, ainda mais quando estão com suas parceiras: é, de fato, indescritível o espanto com que me olham; já quando estão sozinhos ou em grupos, a reação é mais de deboche e de escracho mesmo. As mulheres no geral ficam um pouco constrangidas, há também uma empatia vindo de seus olhares. Já uma senhora parecia também não acreditar naquela cena toda e uma jovem ao lado dela que vi de soslaio, antes de pegar ao chão, respondeu com o sinal da cruz. Quando me desculpei ouvi de outra senhora um “não se preocupe, acontece”. E talvez seja por isso que sigo escolhendo os lugares com cuidado: a porta do teatro, da galeria, a rua cheia de pessoas em eventos culturais, a igreja turística — espaços onde o deboche, a subversão, a proteção, a afirmação e a arte podem andar juntas.

E eu, simplesmente compartilhando o embaraço, pois talvez seja justamente essa a tônica mais potente (e difícil) deste trabalho, que é não evitar o constrangimento, mas devolver seu peso ao outro, porque a vergonha — mais uma vez — não é minha. Ela é do olhar que espera que tudo esteja dentro das conformidades tácitas, que se incomoda com o que escapa, com o que performa sem pedir permissão. O “ops, caiu!” virou palavra-chave de uma política do escape, da aparição não autorizada, da exposição como tática de desarmar o olho da norma.

E foi assim, me jogando e fazendo, que percebi que estava reperformando uma antiga memória que me marcou ainda na infância. Foi na sala de aula, durante uma aula de português, no momento em que a professora escrevia no quadro, de costas para a turma, quando, de repente, uma calcinha de renda vermelha escapa pela barra da calça e fica presa “entre” o sapato e a calça. Foram segundos que pareceram uma eternidade. O que se seguiu foi o

burburinho, risadas de canto de boca, olhos desviados. Até que alguém avisa. Ela, desconcertada, pede desculpas e guarda a peça íntima dentro da mochila. O que senti naquele momento, além da vergonha imediata e empatia por ela, foi uma dúvida: por que uma calcinha de renda vermelha nos perturbava tanto? Por que aquilo nos calava? Cresci achando que, na vida adulta, essas barreiras seriam superadas. Mas não foram. O silêncio daquela sala ainda reverbera. É na tentativa de romper com esse silêncio que hoje me coloco em seu lugar — de modo completamente surpreendente, para falar agora dos meus desejos, dos meus transbordamentos e do que me escapa, mas que não deveria. Para logo em seguida perguntar a você, sociedade: *o que do seu desejo escaparia por “entre” suas pernas, desceria pela barra da sua calça e causaria escândalo no meio social?*

Ao reperformar uma cena que não era minha, mas poderia, percebo que o gesto não é de cópia, mas de travessia. A vergonha que antes assisti de fora, com olhos de criança, hoje retorno com corpo adulto e o transformo em política de aparição. Essa memória, que me moldou sem ser minha, agora é território de invenção. E talvez seja isso que seja surpreendente: quando o retorno acontece, seja na memória, na repetição, ou do gesto, não evitar a queda, mas deixar-se cair junto. Não apagar o embaraço, mas compartilhá-lo. Pois é só quando a vergonha deixa de ser arma do outro e vira matéria da minha expressão que eu consigo, enfim, me ver, aparecer, instalar meus esconderijos sem paredes, mochilas ou fechaduras na casa da norma e, mesmo assim, escapar em todas as contradições e/ou transparências sugeridas por essa cena. Talvez seja aí, justamente aí, que começa a nossa aparição.



Fig. 5 - Imagens variadas das *Aparições de Partes de uma Parte das Masculinidades Embucetadas a Olho Vivo - Parte 3* - pelas ruas do Rio de Janeiro, 2025, intervenção urbana. Fotografia: Taliboy. Fonte: Acervo pessoal

Considerações Finais

Creio que agora, nestas considerações finais, seja importante relatar a primeira aparição de um pênis de carne e osso em minha vida e como lidei com essa “imagem inaugural”. Era criança quando entrei em um banheiro e me deparei com ele, preso ao corpo de um homem cisgênero adulto. A cena me atravessou como uma ferida muda, insistente, mesmo que não entendesse o porquê do incômodo ou da ferida. Para a psicanálise, seria uma fratura simbólica, mas, para mim, foi a inscrição precoce de uma diferença sexual que eu ainda não comprehendia, porém já intuía como interditada e/ou não pertencente ao meu corpo.

Desde então, uma das táticas que desenvolvi foi negar essa imagem e, com ela, a centralidade desproporcional que a sociedade deposita sobre essa parte do corpo. Durante anos, evitei o contato com esse órgão superestimado. Ao mesmo tempo, era por ele que o mundo dizia que não somente eu seria movido. A vulva, nesse discurso, era ausência, silêncio, o segundo sexo (Beauvoir, 2009) ou o inexistente (Irigaray, 2017). Foi com as feministas e teóricas críticas que comecei a reinventar não só um modo de vida, mas uma gramática visual e genital *im-possível*, para além da lógica da diferença sexual.

Mas o incômodo não desapareceu. Voltava como ruído, fragmento, às vezes durante o próprio ato sexual — a imagem do pênis surgia, mesmo quando não deveria. Dentro do sexo lésbico, sobretudo sob a influência do feminismo lésbico radical, do qual me alinhei por um breve e intenso momento, era contra a centralidade desse órgão aliado à estrutura do falo e poder com o qual lutávamos. Ainda assim, a imagem voltava, insistente — e isso me confundia. Cheguei a questionar minha sexualidade, mas não minha cisgeneridade, até porque, àquela época (2010), esse conceito ainda não circulava nos espaços que frequentava como hoje.

Foi nesse conflito que os “novos” vislumbres advindos do movimento transmasculino e das teorias trans e queer — como Viviane Vergueiro (2015) e a cisgeneridade, Paul Preciado (2017), com seu olhar “espião” que invade a sala do casal hétero para roubar as próteses do poder masculino, e Judith Butler (2003; 2019), com o falo lésbico e as paródias de gênero — começaram a me atravessar, lá pelos idos de 2018. Demorei a lê-lxs (queers), talvez por resistência à teoria do Norte Global, talvez pela visão binária que relacionava a centralidade do pênis somente à masculinidade cis hegemônica e às estruturas de poder. Curiosamente, foi a extrema direita no Brasil que abriu caminho para minha própria ruptura teórica e prática, afinal, não fazia sentido criticar uma autore ou teoria que eles também atacavam, assim como não podia mais seguir fingindo que o debate trans não me atravessava diretamente.

Dessa forma, depois de uma longa jornada que envolveu uma pandemia, minha radicalização de gênero, um mestrado e agora a finalização do doutorado sobre essas questões e as práticas visuais urbanas que, em 2024, entro mais uma vez no olho do furacão — da norma e das suas teorias — para lançar também pela última vez, por hora, a pergunta: ao fazer aparecer as *Partes de uma Parte das Masculinidades Embucetadas a Olho Vivo* que por tanto tempo me gritaram, o que acontece? Estaria apenas repetindo a profecia do estereótipo? Ou, talvez, ao repetir com outro timbre, esta repetição já seja sua desmontagem?

Inventivos e subversivos que somos, jogamos com o que sempre nos foi negado e, ao mesmo tempo, apontado. Profanamos, mais uma vez, o desejo do outro. E se, nessa brincadeira, o pinto de borracha insiste em cair no meio da cidade, talvez seja porque nunca nos pertenceu — mas, ainda assim, escolhemos carregá-lo, não como completude, mas como ruína.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro à pesquisa, por meio da bolsa de doutorado e do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) 2024.2; ao PPGArtes – UERJ; às autoras e autores citados no texto; aos afetos intergeracionais e demais deslumbramentos que nos atravessam tempo/espaço, permitindo que as aberturas de caminhos para além da norma permaneçam escancaradas.

Referências

- Agamben, G. (2007). *Profanações*. (S. J. Assmann, Trad.). Boitempo.
- Bataille, G. (2018). *História do olho*. (E. R. Moraes, Trad.). (1a. ed.). Companhia das Letras.

Beauvoir, S. (2009). *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos / A Experiência Vivida*. (S. Milliet, Trad). Nova Fronteira.

Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Editora Civilização Brasileira.

Butler, J. (1997). *Excitable speech: a politics of the performative*. Routledge.

Butler, J. (2015). *A vida psíquica do poder: teorias de subjetivação*. (R. Bettoni, Trad.). Autêntica Editora.

Butler, J. (2019). *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”* / J. Butler. (V. Daminelli & D. Y. Françoli, Trad.). (1a. ed.). N-1 Edições; Crocodilo.

Didi-Huberman, G. (1998). *O que vemos, o que nos olha*. (P. Neves, Trad.). Editora 34.

Halberstam, J. (1998). *Female masculinity*. Duke University Press.

Hochberg, G. Z. (2024). *Unfinished Business*. Los Angeles Review of Books, Los Angeles. Recuperado de: <https://losangelesreview.org/unfinished-business-by-gil-z-hochberg/>

Irigaray, L. (2017). *Este sexo que não é só um sexo: sexualidade e status social da mulher*. (C. Prada, Trad.). Senac São Paulo.

Preciado, P. B. (2017). *Manifesto contrassexual*. (2. ed.). N-1 Edições.

Vergueiro, V. (2015). *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneride como normatividade*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia). Repositório Institucional UFBA. <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/19685/1/VERGUEIRO%20Viviane%20-%20Por%20inflexoes%20decoloniais%20de%20corpos%20e%20identidades%20de%20genero%20inconformes.pdf>.

arte
:lugar
:cidade